

EDITORIAL

Coordenação Editorial

Nos últimos meses, presenciamos fatos, no Brasil e no Mundo, que exigiram repensar diferentes categorias e dimensões analíticas. Por vezes, as interpretações ditas hegemônicas sobre estes fatos foram carregadas de representações simplificadoras e estereotipadas. No entendimento da multiplicidade social existente, é necessário marcar uma posição reflexiva.

Por isso, *Continentes – Revista de Geografia do Departamento de Geociências da UFRRJ* – vem marcar sua **posição** neste terceiro número!

Usado comumente nos estudos da geopolítica, o termo posição sempre trouxe como referência a ideia de “lugar estratégico”, seja como ponto de defesa, ataque e “estudo” das diferentes circunstâncias. Em obras clássicas como “*A arte da guerra*”, de Sun Tzu [Século IV a. C.], o reconhecimento do sítio (ou terreno) só é possível diante de uma tomada de posição para entender onde se situam os embates, as disputas e as referências da luta. Na concepção mais alargada, o vocábulo posição está relacionado a uma postura ou atitude. A posição é tomada aqui como uma *ação*, que por sua vez é motriz das forças relacionais que impulsionam a criação e a diferenciação, e fornece uma condição ímpar para ver o mundo para além das aparências.

A Revista *Continentes* quer ir além dos “objetos”, quer refletir sobre as ações que os posicionam no mundo! Os artigos que compõem o terceiro número desta revista destacam-se na avaliação de ações que posicionam demandas epistêmicas, políticas, econômicas, sociais e culturais.

Neste ensejo, o primeiro artigo, de autoria de Marie-Claire Robic, publicada originalmente na *Documents d’analisi geográfica*, apresenta a importância da revista *Annales de Géographie*. Ao destacar a relevância histórica e intelectual dos “*Annales de Géographie*”, a autora situa os embates no campo intelectual da geografia e a importância desta revista para posicionar um campo acadêmico, uma vez que a própria criação da revista marcava uma ruptura com as antigas sociedades geográficas,

e consolidava uma certa correspondência intelectual com o criadores da revista, sobretudo aqueles oriundos da *École Normale Supérieure* [Escola Normal Superior], sob forte influência da produção de Paul Vidal de La Blache. No dizer de Emmanuel de Martonne, resgatada pela autora no texto, “os *Annales* quiseram ser como que o espelho da geografia”, algo como a marca da posição da geografia que estava sendo institucionalizada na academia.

O segundo artigo, de autoria de Felipe Ramão, destaca a importância do posicionamento intelectual de Pierre George sobre a temática ambiental, complementando, assim, a relevância da geografia francesa. Salientando a trajetória de um autor que fez parte da formação e influenciou geógrafos em diferentes partes do mundo [no Brasil, no Canadá e no México], o texto destaca nas entrelinhas como a conjuntura histórico-geográfica dos anos 1970-1980 está diretamente associada ao pensamento de George. Os escritos sobre a questão ambiental, de certa forma, demonstram o posicionamento dele frente às questões de seu tempo.

Em seguida, o texto de Gilmar Mascarenhas apresenta as diferenças e similaridades do projeto olímpico de Londres 2012 com o que ocorrerá no Rio em 2016. O autor destaca que as repercussões e transformações no cenário urbano, relacionadas à execução dos megaeventos esportivos promovem uma singela, mas voraz, performance do capital que agencia as grandes corporações em nome da “festa”, sepultando os mais pobres, aprofundando a segregação na cidade, por vezes esquetejando-a. Salientamos que os estudos que tematizam a “Cidade Olímpica” são importantes no posicionamento e apreensão de fenômenos e, segundo o autor, envolvem temas como “*globalização e guerra dos lugares, movimentos sociais e territorialidades, cidadania e gestão urbana, city marketing*”.

Neste mesmo sentido, a tradução do texto de Jesus Leal Maldonado, publicado originalmente *Revista Española de Sociología*, indica um ponto preciso de reflexão sobre a produção contemporâneo do urbano. A segregação é chave na reflexão do autor que infere especialmente sobre os mercados habitacionais, demonstrando como este a potencializa. Não se trata apenas da separação do mais pobre, mas a constituição de enclaves de riqueza e gentrificação de parcelas da cidade. Para o autor

é necessário ultrapassar a noção de que os processos segregacionais que “se relacionam com as diferenças de renda passa pela diferenciação dos preços das moradias”. Por isso, sua posição indica o resgate da avaliação do ato político dos agentes imobiliários e do Estado na produção desigual do espaço das cidades, cada vez mais recheados de lutas.

O último texto que compõe a seção de artigos, de Heitor Soares de Farias, destaca o papel do sistema atmosférico atuante no Rio de Janeiro, apontando sua influência da trajetória de poluentes. O texto destaca possibilidades de apreensão na área da climatologia e que pode ser usado para balizar e posicionar as lutas contra esses grandes projetos. Ao afirmar que os “empreendimentos trazidos para alavancar a retomada econômica do Rio de Janeiro - CSA e COMPERJ - estão localizados em áreas com potencial para concentrar poluentes”, o autor indica aproximações entre elementos físicos e humanos na análise dos riscos ambientais no campo da geografia. Neste sentido, os novos empreendimentos econômicos em execução na Região Metropolitana do Rio, por vezes provedores de ideologias de desenvolvimento, são aqueles que corroboram para ampliar as injustiças socioambientais, alcançando em maior grau as áreas segregadas e mais pobres da Região Metropolitana.

Em seguida a *Continentes* apresenta uma nova seção intitulada **Posições**. Esta seção buscará apontar considerações e impressões sobre diferentes temas contemporâneos. A forma textual desta parte da revista é “um pouco mais livre” da redação eventual de artigos, permitindo uma maior abertura para que o autor possa expressar suas reflexões, posições e angústias sobre uma determinada temática.

Posições é inaugurada com três textos, concebidos pelos editores desta revista. Tem como principal ponto os seus posicionamentos frente às manifestações que marcaram o cenário urbano-político-social brasileiro em junho de 2013. Embora tratem da mesma temática, os textos se orientam de maneiras diferentes, contudo complementares. Superam as afirmações estereotipadas ao abordar de diferentes ângulos, e de forma contundente, as Manifestações. Os referidos textos buscam se posicionar, quase numa condição estratégica, na tentativa de visualizar esse terreno, por vezes nebuloso, e tecer críticas a partir de alguns pressupostos analíticos.

O primeiro texto traz as posições de Guilherme Ribeiro, que atribui à cidade um novo protagonismo nas lutas sociais. Na leitura do autor, a cidade deve ser entendida como forma e conteúdo, e em sua máxima complexidade, que não cessa em reivindicações partidárias, mas na luta por direitos que contemplariam demandas deste “novo” Brasil urbano-metropolitano. Num país cujas bases de representação política ruíram, segundo o autor, estas manifestações indicam críticas *“contra a corrupção, o desvio de dinheiro público, os altos salários, as benesses, os acordos espúrios, a politicagem, o privilégio quase senhorial conferido aos deputados e senadores”*, que são alinhavadas com o empobrecimento das cidades, da segregação e da “i-mobilidade” que priva viver a cidade por inteiro.

No mesmo tom de crítica, Maurilio Botelho abre seu texto descontruindo mitos acerca das manifestações, asseverando a necessidade de ultrapassar o “senso comum” imposto – seja pelas grandes mídias, seja pela difusão de discursos das elites políticas brasileiras –, ou mesmo contido em avaliações prematuras de indivíduos e personalidades políticas, que deslocam os pontos fulcrais das manifestações. Para o autor, *“as manifestações foram uma síntese da complexidade social brasileira”*, incutindo uma gama de demandas sociais, econômicas, políticas e culturais, para além de um movimento de “classe média”. O autor destaca como foi apresentada a imagem da mobilização, falseada ou deslocada da realidade. Falseamento exposto em “bordões” amplamente difundidos que remetem a ideias como as *“manifestações não são feitas por pobres”*, *“os jovens que lutam no Brasil tem emprego”*, e *“as lutas apartidárias caminham para um fascismo”*. Ao desconstruir tais discursos ditos hegemônicos, o autor enfatiza a importância da retomada da discussão da atual realidade política e econômica brasileira no contexto da sociedade da mercadoria.

O último texto que compõe a seção é de Leandro Dias de Oliveira, que vem pontuar os desafios da democracia brasileira. Tais desafios são oriundos de uma temporalidade específica que, ao mesmo tempo emanando demandas populares no que toca a mobilidade urbana, revelam também um certo descontentamento sobre os grandes eventos esportivos, que tomam de assalto cidades brasileiras e deixam às claras as formas de expropriação do bem público pela elite política profissional no Brasil.

Destacamos sua *posição* sobre a “*ideologia da classe média*”, sempre fundamentada em privilégios, que se distanciou da arena política sobretudo por que seus cânones não foram tocados [em especial a propriedade privada]. Como pensar sua politização? Para o autor essa classe média “*não é somente a melhoria de vida dos trabalhadores, mas a sua ruptura enquanto entendimento de classe*”. Está claro que o seu descolamento da ideologia dos trabalhadores é um fato histórico no país, quem sabe um dos maiores impasses para uma retomada da política de cunho popular. São necessárias críticas e uma ação diante das grande mídias, que corroboram para a massificação dessa ideologia “classe média”, que mina e coloca em frangalhos qualquer movimento alternativo que deixe de passar pelo seu crivo.

Finalizando este número, temos na seção de resenhas o texto de André Fialho Abrantes Pinheiro e Lara D’Assunção dos Santos sobre livro “*Vidal, Vidais - Textos de geografia humana, regional e política*”. Destacamos a forma como os autores pontuam a importância desta obra que convida a “ler Vidal” de forma diferente. A leitura dos textos permite ver um Vidal que se *posiciona*, desconstruindo os mitos de que se tratava de uma “ciência asséptica”: “a geografia em Vidal” tomava posições no contexto da política Francesa. Daí a importante retomada de um dos grandes nomes da história do pensamento geográfico. Retomar a este clássico é fundamental! Em consonância com as leituras feitas nos outros textos contidos no presente número, a resenha vem demonstrar o quanto é necessário refletir sobre o campo epistêmico e político, para que façamos da produção intelectual um diferencial, capaz de marcar nossa posição no mundo.

[Por André Santos da Rocha]